
Humberto D

e o neo-realismo (2)

por JOSÉ CARDOSO PIRES

Gorki nunca poderia ter escrito **Os Miseráveis** porque esses ex-homens conheceu-os ele de tal forma, teve-os tão consigo, que quando falou deles não o fez sob a égide das boas intenções do honesto mas instalado Victor Hugo. Fê-lo com um conhecimento mais profundo; logo com uma verdade muito mais facetada e com um alcance muito superior.

Diz-se frequentemente que o cidadão que desfrute de mínimos privilégios não gosta, por remorso de comparação, que lhe falem dos desprotegidos. Isto é verdade, e é falso. Primeiramente, porque nem todo o cidadão de mínimos privilégios concorda com o preço das regalias que lhe cabem em relação ás servidões do seu semelhante; e em segundo

lugar porque os restantes cidadãos dessa camada social ou não contam no processo histórico ou são socialmente defensores da justiça das suas posições e, nesse caso, verão nessa literatura uma deformação calculada ou uma descida ao pitoresco. (O homem agasalhado em cobertores ouve a tempestade lá fora e, pensando naqueles que andam á chuva, entristece-se mas aninha-se na cama).

Se insisto tanto nesta concepção romantica é porque a vejo expandida sob um rótulo que não lhe cabe. Ela parte de um modo estreito e rude de considerar o homem e a arte, como estreita e primária é a ideia que os populistas fazem do homem de pequenos privilégios, vendo-os em bloco.

As falsificações fazem-se em nome dos emissários da moeda ouro mas têm um toque próprio que as denunciam e, em muitos casos, a perfeição excessiva torna suspeita a reprodução que imitou o original. Com as obras a que me refiro passou-se isso. O herói total, seja a divinização do homem consciente ou seja a do deserdado (que é mais corrente, no caso português), corresponde a um culto de personalidade que não está apenas limitado á arte. Pelo contrário, tem raízes muito mais profundas: demonstra uma posição mental, uma segurança burocrática de instalados numa verdade que, como todas as verdades, é necessário ser trabalhada, realizada historicamente, e não estabilizada

(Continua na página seguinte)

Humberto D e o neo-realismo

(Continuação da página anterior)

á confiança de um caminho que o Progresso lhe há-de impor.

Gorki, Maiakovski, Brecht, Vailland, Maltz são padrões admiráveis do neo-realismo e todos eles representam um ciclo insatisfeito, não instalado, de conquistas e de personagens extraídas de ambientes e de camadas diversas. A literatura de piedade mesmo a de mais honestos propósitos nada tem a ver com a lição destes homens e tem menos verdade e menos força de comunhão do que a do realismo crítico de um Thomas Mann ou de um Hemingway.

E' conhecida a reacção do publico e dos literatos de arte pura ás interpretações apressadas do neo-realismo. Com todas as calunias e todas as generalizações tendentes a confundir a corrente com os seus praticantes, servem-se desses exemplos frustrados para classificar toda uma literatura e toda uma posição perante a vida. Negaram a beleza formal dos escritores neo-realistas aqueles mesmos que hoje negam a 'qualidade literária a um mestre da forma como Aquilino Ribeiro; negaram-lhes projecção nacional os mesmos que hoje, **post mortem**, aceitam como **unico** exemplo perfeito de **neo-realismo** um Alvaro Feijó, pretendendo demonstrar assim uma isenção conveniente que permita ignorar todos os restantes.

Por outro lado, não é por acaso nem é por simples capricho que os inimigos do neo-realismo se empenham em destruir a arte mais representativa desta tendência, aceitando ao mesmo tempo aquela que produzem os demagogos da lágrima ao canto do olho que falam de miséria sem a ter conhecido e descrevem o Povo sem lhe terem sentido o cheiro ou os gostos. De uma janela pode assistir-se a uma parada, mas a marcha, o caminho em frente, esse só passo a passo se pode escrever.

De Sica, mestre reconhecido do neo-realismo, fez em **Humberto D** (como já tinha feito em **Ladrões de Bicicletas**) a demonstração dessa descida á rua, ao quotidiano. Escolheu um herói sem os títulos clássicos do neo-realismo — um reformado, um pequeno burguês cheio de preconceitos de educação e de egocentrismos, um individuo sem grupo social que o ajude na sua desventura. E nisto está a prova de uma das conquistas fundamentais do neo-realismo: a de que é possível representar uma etapa da Humanidade humilhada não apenas através do um herói típico, socialmente classificado, mas através de toda uma multidão diferenciada nos seus mais diversos tipos. E' nesse propósito que são desenvolvidos os pequenos dramas deste filme. A moral que deles se conclui, a mensagem desta **vida sem importancia**, vamos senti-la cada um de nós quando sairmos para a rua, guardando ainda o eco do apelo tímido, desesperado e solitário do velho **Humberto D** que está em cada esquina do nosso dia a dia.

(Palestra proferida na primeira sessão do Cine-Clube do Barreiro) e publicada no boletim do Cine-Clube ABC)

JOSÉ CARDOSO PIRES
